INSOLAÇÃO de
DANIELA THOMAS & FELIPE HIRSCH
por JOSÉ GERALDO COUTO
& SÉRGIO MORICONI

GEOGRAFIA DA DESOLAÇÃO

por José Geraldo Couto

À primeira vista, ***Insolação***, realizado por dois diretores oriundos do teatro, não tem nada de teatral.

Dos amplos planos ao ar livre à concentração em *closes* e pormenores, o filme de Daniela Thomas e Felipe Hirsch implementa uma organização especificamente cinematográfica do espaço. Uma organização ao mesmo tempo maleável e rigorosa, que trata, em última instância, de construir uma paisagem física e humana de desolação.

Numa estranha e deserta cidade, que parece ainda estar em construção, mas já em ruínas – o que remete à observação de Lévi-Strauss sobre os povos que passaram da barbárie à decadência sem passar pela civilização –, movem-se personagens solitários e infelizes, com suas pequenas esperanças e grandes decepções.

A cidade é Brasília, mas isso o espectador que não conhece a capital só sabe graças a informações exteriores ao filme. Neste, não há referências explícitas de tempo e lugar. Existe mesmo, desde o primeiro plano – um homem maduro (Paulo José) falando a uma plateia imaginária sobre o tema da "tristeza" –, uma tentativa de sair do tempo presente (ou de qualquer outro), de criar uma vaga sensação de anacronismo, de tempo fora do tempo.

Não por acaso, o livro que o homem maduro pouco depois mostrará a outro personagem é uma introdução à literatura russa. Consta também que o roteiro se inspirou livremente em contos russos oitocentistas. Confesso que não os identifiquei. Mas o fato é que na paisagem tropical do cerrado, de luz estourada e sol escaldante, o filme instila algo da melancolia metafísica russa, ao menos daquela que nos chega pela sua grande literatura. Como num eco da frase célebre de Paulo Prado: "Numa terra radiosa vive um povo triste".

O homem que fala sobre a tristeza está, na verdade, num imenso galpão abandonado, e sua fala é interrompida pela reprimenda de um vigia. O poético e o prosaico, o grandioso e o miúdo, o cósmico e o cotidiano vão se combinar de várias maneiras ao longo do filme.

A aridez do mundo

O plano que se segue ao discurso sobre a tristeza interrompido pelo vigia é o de uma bicicleta filmada de cima, quase na vertical, atravessando pátios vazios de prédios abandonados. A escala do plano e o ângulo da tomada fazem pensar numa formiga se deslocando sobre a planta ou a maquete de uma cidade. A pequenez irremediável do homem, em imagens de um rigor geométrico quase construtivista.

O contraste entre a aridez do mundo e a sede humana de afeto e de entendimento talvez seja o motivo central de *Insolação*, desdobrado em variadas histórias paralelas ou entrelaçadas. Falando em aridez: nessa representação do calor e da secura, a presença da água é tão rara que, quando ocorre, vem carregada de dramaticidade e sentido.

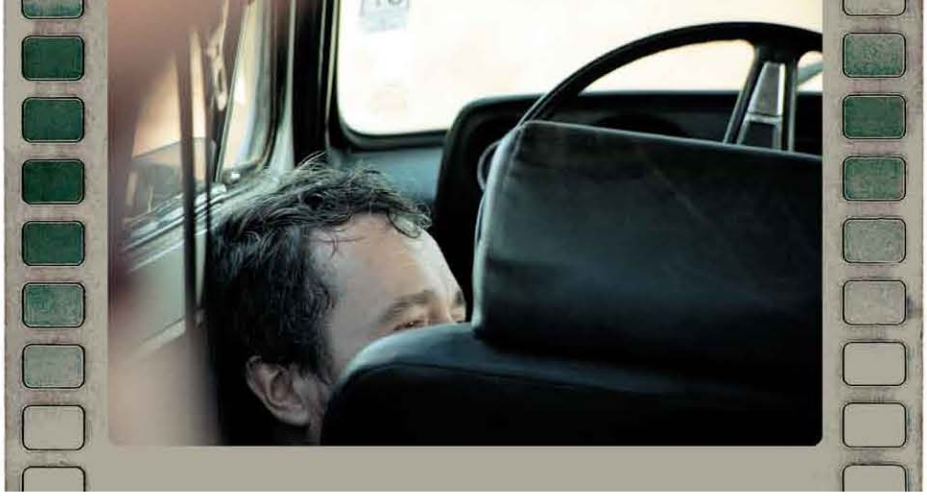
Tornou-se lugar-comum, na análise de personagens do cinema moderno, dizer que estão "à deriva". Mas de que outro modo se poderia definir o punhado de criaturas centrais deste filme, todas elas frágeis, incompletas, desorientadas?

Há, por exemplo, a garota Zoyka (Daniela Piepszyk), de 13 anos, apaixonada pelo quarentão Leo (Leonardo Medeiros), assistente de um grande arquiteto. Há, numa inversão simétrica, o menino Vladimir (Antonio Medeiros), apaixonado por Liuba (Leandra Leal), uma moça com uma não nomeada enfermidade grave. Há a febril e atormentada Lucia (Simone Spoladore), que vai para a cama com desconhecidos e não extrai disso nenhum prazer.

Há o amor inesperado e infeliz entre Leo e a jornalista Ana (Maria Luísa Mendonça), que veio para entrevistar o grande arquiteto. Há um adultério, uma fuga, uma sessão de psicanálise, um crime passional, um suicídio, mil lágrimas – mas tudo sem estridência, como que em surdina.

Mais do que o enredo desses vários dramas, o que confere força e originalidade a *Insolação* é a estranheza de sua decupagem e de sua *mise en scène*.

Algo que chama a atenção é que os personagens secundários, isto é, aqueles que estão fora do núcleo central esboçado acima, jamais aparecem por inteiro ou com nitidez. Por exemplo, o psiquiatra (Emilio di Biasi), mostrado fora de foco, como um vulto indistinto; ou a mãe de Vladimir, de quem só vemos partes do corpo; ou ainda o dono do quiosque onde alguns personagens se encontram (Arduino Colasanti), mostrado sempre de costas. É como se os seres cujas histórias merecem ser observadas fossem destacados do seu entorno.

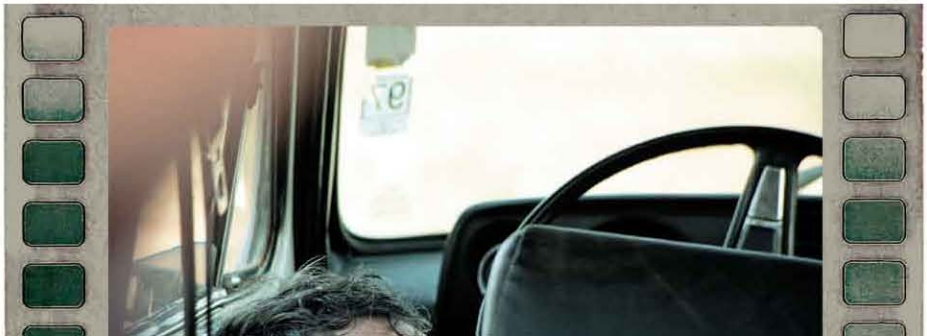


Maleabilidade do espaço

Também na configuração espacial se dá essa operação de "destacamento" do que interessa. Quando está em cena o quiosque, por exemplo, a escassa profundidade de campo faz com que a paisagem ao fundo seja pouco mais do que um borrão, quase um quadro impressionista. Há uma certa maleabilidade do espaço, uma indefinição ou perversão de seus usos convencionais: o galpão abandonado que serve de auditório imaginário para as palestras do homem maduro, a piscina vazia em que o casal Leo/Ana tem suas conversas atormentadas, e sobretudo o estúdio do grande arquiteto, com seus vários ambientes contíguos, nos quais um escritório pode se metamorfosear num quarto de dormir.

Analogamente a esses procedimentos fotográficos e cenográficos, as falas dos personagens também os retiram, de certa forma, do terreno do cotidiano. Longe do naturalismo pedestre dos diálogos que nos habituamos a ouvir no cinema contemporâneo, os personagens de *Insolação* proferem sentenças densas de sentido, numa dicção uma oitava acima (em *páthos*, não em decibéis) da fala cotidiana.

"Dizem que existe alguém para cada pessoa. Mas é mentira. Veja quantos de nós estão sozinhos", diz Lucia a seu psiquiatra, definindo aliás o espírito do filme todo. "Guarda-te do amor. Teme essa felicidade", aconselha o pai de Vladimir. "Eu gosto de todo mundo... no início", murmura Leo. Ou seja, nada dos "Oi, tudo bem?" ou "Passa o açúcar" a que estamos acostumados nos filmes recentes ou nas telenovelas. Aqui a conversa é bem diferente.

E voltamos, por caminhos tortuosos, à questão do início. Pois é só mesmo à primeira vista que esta bela obra de cinema "não tem nada de teatral". O modo como Felipe Hirsch e Daniela Thomas *põem em cena* os dramas entrecruzados de suas criaturas tem muito do melhor teatro, aquele que eleva os personagens acima das contingências pedestres em que estão imersos e os confronta com seus deuses e seus demônios, em outras palavras, com seu destino.

José Geraldo Couto é jornalista, crítico de cinema e tradutor. Mantém uma coluna de cinema no *blog* do Instituto Moreira Salles: http://blogdoims.uol.com.br/jose-geraldo-couto-no-cinema/ .